

ENSINO DE ESCRITA LITERÁRIA NA UNIVERSIDADE: O PERCURSO BRASILEIRO

Carolina Zuppo Abed*

RESUMO: Este artigo recupera os argumentos centrais de alguns protagonistas da inclusão dos laboratórios de escrita nas universidades brasileiras, analisando suas bases teóricas e os ecos encontrados no percurso histórico de países em que a escrita criativa como área de conhecimento já se encontra consolidada. Demonstra como é possível rastrear a defesa pela inclusão da criação literária nas universidades brasileiras até o final do século XIX. Objetiva, também, contribuir para a organização do debate histórico sobre os cursos de escrita criativa no Brasil.

Palavras-chave: Criação literária. Escrita criativa. Oficina literária. Ensino de literatura. História da literatura.

Introdução

A docência de escrita literária¹ no Ensino Superior é uma prática já consolidada (embora historicamente recente) em países como Estados Unidos ou Inglaterra, tendo os cursos mais antigos quase um século de existência. No Brasil, porém, as primeiras inclusões de uma linha didática e metodológica formal voltada especificamente para a escrita de textos literários nas Universidades datam de cerca de uma década. Trata-se, portanto, de um campo ainda em construção, cujas lutas, em grande parte, desenvolvem-se orientadas para o reconhecimento e a legitimação de sua existência. Em um país em que o primeiro curso acadêmico de Letras ainda não completou um século desde sua criação, é natural que os caminhos ainda estejam se construindo e que debates acerca daquilo que pode compô-lo ocupem papel de elevada importância nas reflexões sobre programas acadêmicos de literatura. É neste cenário que se insere a problemática acerca de cursos voltados à prática da criação literária.

Universidades de diversos países contam com cursos e programas específicos de Escrita Criativa (*creative writing*), tanto na graduação como na pós-graduação, há quase um século. No Brasil, o curso superior mais antigo voltado para a prática literária completou recentemente dez anos de funcionamento. Ainda hoje, não são muitas as instituições que oferecem cursos para quem quer se formar escritor no Brasil. A compreensão de que a escrita literária é um conteúdo ensinável é recente e, apesar de encontrar cada vez menos resistência na disputa contra a concepção de que um escritor deve se fazer sozinho, estudar por conta própria ou em pequenos grupos informais, ainda dá seus primeiros passos na direção de um debate acadêmico mais aprofundado sobre tópicos específicos relacionados a essa nova área do conhecimento que se desenvolve. Nota-se, nos discursos sobre o tema, um embate em torno da institucionalização do ensino de escrita, que se encontra em um momento de consolidação e legitimação enquanto campo autônomo desvinculado de linhas metodológicas da crítica e da teoria literária. Assim, tomando de empréstimo exemplos já bem-sucedidos de outros países, agentes do campo científico vêm empreendendo esforços para a inclusão da docência de criação literária no Ensino Superior brasileiro.

A maioria dos discursos – acadêmicos e não acadêmicos – que têm por objetivo recuperar a gênese dos estudos de criação literária no país e contribuir para o avanço da área assinala o valor das contribuições estrangeiras para se pensar o campo em solo brasileiro. Não

* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Escritora, professora e psicopedagoga, atualmente, realiza pesquisa de doutorado sobre ensino de escrita na USP. Autora de *Tecla 2 para esquecer* (Patuá, 2017), *Menos o mar* (Quelônio, 2017), *Passatempoemas* (Quelônio, 2020) e de artigos de educação e literatura contemporânea. Professora da Pós-graduação em Formação de Escritores do Instituto Vera Cruz (SP) e da Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Centro Universitário São Camilo (SP), também ministra oficinas literárias no Brasil e em Portugal. E-mail: carolina.abed@gmail.com

obstante, investigando iniciativas esparsas voltadas à inclusão de laboratórios literários² em ambiente acadêmico, é possível rastrear as raízes do debate sobre a profissionalização da escrita já no final dos anos 1800, não apenas nos EUA como também no Brasil. Este artigo pretende trazer contribuições para a sistematização dessa discussão por meio de um levantamento e mapeamento da presença da criação literária em instituições de ensino superior, sublinhando o caminho argumentativo dos esforços iniciais pela implantação da escrita de literatura no ensino superior e o percurso trilhado pelas primeiras instituições a incorporá-la em sua estrutura curricular. A intenção é investigar os caminhos de desenvolvimento da escrita literária brasileira, a fim de compreender historicamente como tem se dado a criação e a consolidação dessa nova disciplina no universo das Letras.

Breve histórico da escrita criativa no ensino superior: contexto internacional e situação brasileira

O curso formal de escrita mais antigo estruturado academicamente nos Estados Unidos é o da University of Iowa. Em 1922, a universidade foi a primeira a aceitar um projeto literário como tese de pós-graduação. As experiências com cursos livres de escrita criativa, oferecidos desde 1897 naquela instituição, suscitaram novos métodos de trabalho com o texto, dando origem ao modelo de oficinas de escrita (*writing workshop*) que posteriormente seria a base do *Creative Writing Program*. O programa foi originalmente formado por escritores e poetas oriundos das oficinas de escrita, em 1936, e continua em atividade até hoje³. Após essa primeira experiência, muitas outras pós-graduações em *Creative Writing* surgiram em todo o país. De acordo com levantamento realizado em 2015 por Mark McGurl a respeito de cursos de escrita nos EUA, nos anos 1940 havia já "um punhado" deles; nos anos 1970, o número aumentou para quarenta e quatro cursos; na década seguinte, mais de cem e, nos anos 2000, o país contava com mais de 300 programas de escrita criativa (MCGURL, 2015). Uma década depois, o número passava de 400 (JORDAN-BAKER, 2015).

Antes disso, a academia e a escrita literária já ensaiavam algumas aproximações: Os estudos do estadunidense David Gershom Myers traçam um percurso histórico da escrita criativa nos EUA que remonta a 1880 (MYERS, 1996 *apud* AMABILE, 2014). O autor aponta Harvard como a primeira universidade a oferecer um laboratório de escrita, ainda que este não tivesse o nome e as especificidades que caracterizam os *creative writing workshops* como os conhecemos hoje. As aulas de *English Composition* (o equivalente às nossas aulas de redação), oferecidas em caráter experimental, propunham aos alunos que escrevessem diariamente textos literários sem tema definido – textos que eram posteriormente discutidos ao longo das aulas. Embora não tivessem por objetivo formar escritores, mas apenas enriquecer a formação pessoal e intelectual dos alunos, esta foi a primeira ocasião em que uma universidade aceitou como trabalho acadêmico um texto literário.

Os países anglófonos parecem ter a tradição mais robusta no ensino de EC. No Reino Unido, a University of East Anglia foi responsável por criar o primeiro mestrado de Escrita Criativa (*MA – Masters of Arts in Creative Writing*), em 1970, e o primeiro doutorado na mesma área (*PhD in Creative and Critical Writing*), em 1987. Nos cursos de graduação, a escrita literária era ensinada informalmente desde a década de 60 e formalmente a partir de 1995. O Programa conta com prestígio nacional, tendo ganhado prêmios de reconhecimento e formado um ganhador do Nobel de Literatura⁴. Desde então, diversos outros programas de escrita criativa foram abertos no país, como o da Royal College of Arts, da Brunel University ou os das universidades de Kent, Bedfordshire, Roehampton, Buckingham, Bath, Portsmouth, Swansea e Loughborough, entre muitas outras (ABED, 2021). A Austrália também merece destaque no cenário internacional, não apenas pela presença bem marcada de cursos dedicados à Escrita Criativa (oferecidos, por exemplo, nas universidades de Sydney, Melbourne, Swansea,

New South e La Trobe) (ABED, 2021), mas também pela relevância das pesquisas de Paul Dawson, professor da UNSW, cujo livro “Creative Writing and the New Humanities” (2004) é referência para diversos pesquisadores da área mundo afora.

Ainda na Europa, além do Reino Unido a Escrita Criativa está presente também em diversos países. Há até mesmo uma associação específica para os cursos, a Associação Europeia de Programas de Escrita Criativa (European Association of Creative Writing Programmes – EACWP), que conta com mais de vinte membros de mais de dez países diferentes⁵ – e vale lembrar que nem todas as universidades que oferecem cursos de criação literária fazem parte da associação. A formação de escritores está presente na França, na Espanha, na Alemanha, na Suécia, na Finlândia, na Dinamarca, na Holanda, na República Tcheca, na Áustria, na Noruega, para citar apenas alguns lugares. Em Portugal, a primeira unidade curricular obrigatória de Escrita Criativa na pós-graduação, como parte do Mestrado em Comunicação e Expressão da Universidade Católica Portuguesa, em Viseu, data de 2004. Foi oferecida por João de Mancelos, que ministrava oficinas de criação na cadeira de Introdução aos Estudos Literários desde 1996 e, em 2007, orientou a primeira dissertação de mestrado voltada para o ensino de escrita: “Como escrever romances: Um manual de escrita criativa”, de Cláudia Catarina Dias Costa. Como forma de aprimorar seus conhecimentos docentes, Mancelos buscou subsídios na Luton University (atual University of Bedfordshire), na Inglaterra (MANCELOS, 2007, 2009), onde frequentou o curso de verão de EC. A iniciativa acadêmica no país mais reconhecida até o momento talvez seja a especialização em Artes da Escrita, da Universidade Nova de Lisboa, oferecida desde 2011 com coordenação de Abel Barros Baptista. Além dela, há também a pós-graduação em Escrita de Ficção da Universidade Lusófona, coordenada por Filipa Melo, cujo diferencial fica por conta da parceria com a consultora editorial Booktailors. Neste ano de 2021, a tradicional Universidade de Coimbra acaba de abrir o primeiro mestrado em Escrita Criativa do país. O programa, coordenado pela professora e escritora Graça Capinha, terá caráter modular e, como trabalho final, os candidatos poderão apresentar uma dissertação, um projeto literário ou ainda realizar estágio em companhias de teatro, televisão, cinema ou outros.

Na América Latina, há formação específica em criação literária no ensino superior de países como Argentina (Universidad Nacional de Tres de Febrero), Chile (Universidad Diego Pontales) e México (Universidad de El Paso) (ABED, 2021). O primeiro oferecimento de oficinas literárias de que se tem registro em universidades brasileiras, segundo levantamento feito por Barbosa (2012), data de 1962, na Universidade de Brasília, com coordenação de Cyro dos Anjos. A oficina era concebida nos moldes dos *workshops* estadunidenses e seu oferecimento durou 12 anos. Outras experiências pioneiras de oficinas literárias no ensino superior, ainda nos anos 60, incluem a Universidade Federal da Bahia (que passou a oferecer oficinas sistematicamente desde 1966, com Judith Grossmann; primeiro em caráter extracurricular e depois como disciplina optativa) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir da década de 70, os laboratórios de escrita teriam se multiplicado no ensino superior brasileiro, tanto em instituições públicas quanto privadas.

Apenas para citar algumas universidades brasileiras que nos anos 70 e 80 desenvolveram experiências nessa área, temos: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP), 1972; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Moura Lacerda (Ribeirão Preto, SP), 1975; PUC-RJ, sob a orientação do escritor e crítico Silviano Santiago⁶, também em 1975; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1977; Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1978; Universidade Federal do Espírito Santo, em 1981; Faculdade de Comunicação Hélio Alonso (RJ), em 1981; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cabo Frio (RJ), 1982; Universidade Gama Filho (RJ), em 1983. (BARBOSA, 2012, p. 46)

Destacam-se, ainda, outras iniciativas em universidades públicas, como a Oficina Literária Afrânio Coutinho, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, inaugurada em 1979 por Maria da Graça Cretton e Deny Gomes, que teve papel proeminente no cenário cultural do Rio de Janeiro de 1979 a 1992⁷. Surgida inicialmente na residência de Afrânio Coutinho, quando esta se converteu em biblioteca aberta ao público, a OLAC promoveu cursos em diferentes setores do conhecimento ligados à literatura e à arte (COUTINHO, 2011). Deny Gomes também esteve à frente das oficinas de criação literária da Universidade Federal do Espírito Santo, que tiveram início em 1981 (SIQUEIRA, 2016). Aponta-se também o oferecimento, desde 1996, de laboratórios de escrita como disciplina optativa no curso de Letras da Universidade Federal Minas Gerais, sob coordenação de Mauricio Salles Vasconcelos (que posteriormente passou a oferecê-los, igualmente em caráter optativo, na graduação em Letras da Universidade de São Paulo e, em 2018, na pós-graduação da mesma faculdade).

Ensino de criação literária no Brasil: antecedentes, argumentos e primeiras aproximações

É consenso, entre os pesquisadores que investigam a presença dos laboratórios de escrita de literatura no Brasil, que o grande *boom* das oficinas literárias aconteceu em meados do século XX. Não obstante, é possível rastrear a presença do tópico em debate no país desde pelo menos um século antes de a cultura de oficinas se estabilizar. Assis Brasil (2015a) detecta a presença do termo “oficina literária” em texto de Machado de Assis publicado em 1878: a respeito da obra “O Primo Basílio”, Machado teria dito que Eça de Queiroz “*transpôs ainda há pouco as portas da oficina literária*” (ASSIS, 1994 *apud* BRASIL, 2015, p. s108). Apesar de haver, no comentário do escritor, conotação negativa a respeito da ideia de oficina literária, o professor gaúcho aponta esta como a primeira ocorrência da expressão em textos brasileiros e considera que tal menção, embora evidentemente não se refira à disciplina de Escrita Criativa como hoje é conhecida, chama a atenção para “*a existência de uma técnica na literatura e para um aprendizado dessa técnica, a qual se processa numa oficina, normalmente definida como um espaço em que exerce um ofício, mas também onde trabalham oficiais e seus aprendizes*” (BRASIL, 2015, p. s108). Tal argumento é utilizado para reforçar a estratégia discursiva do pesquisador, que se dedica, no referido artigo, a defender a possibilidade de ensino e aprendizagem de técnicas literárias em laboratórios de criação.

Segundo análise de Autran Dourado, no final do século XIX a profissionalização do escritor já era defendida por José de Alencar. Dourado o vê como um escritor à frente de seu tempo por considerar a formação do escritor profissional como um avanço desejável na cena literária brasileira, posicionando-se contrariamente ao que nomeia “*o beletismo e os diletantes empanturrados*” (p. 9). Do prefácio de “Sonhos d’Ouro”, de 1872, sublinha a seguinte passagem: “*E o nosso atraso provém disso. (...) Quando as letras forem entre nós uma profissão, talentos que hoje apenas aí buscam passatempo ao espírito, convergirão para nobre esfera suas poderosas faculdades.*” (ALENCAR, 1972 *apud* DOURADO, 1976, p. 9). Ainda que a frase original provavelmente refira-se à criação de cursos acadêmicos de Letras (que, do modo como foram estruturados no Brasil, prezam mais pela crítica que pela produção literária) e não especificamente um programa dedicado à escrita dentro do universo das Letras, Dourado toma-a como um primeiro movimento em direção à sistematização da formação do escritor. De fato, como não havia ainda programas exclusivamente dedicados à literatura⁸, não seria possível saber como imaginava o escritor que seria um curso de Letras; se o caráter prático estaria presente, em seu ponto de vista, desde o início da inclusão desses programas nas universidades. Por sua fala, é possível pressupor que a ideia de curso de Letras que Alencar tinha em mente contemplaria a formação de escritores.

Ao recuperar, na década de 70, as considerações de Alencar, Dourado celebra seu “*papel pioneiro e precursor de uma tomada de consciência, nacional, de escritor e artesão*” (DOURADO, 1976, p. 9). Comenta, ainda, a leitura que Silviano Santiago faz de Alencar, empolgado “*com a existência simultânea do crítico e do criador consciente, senhor do seu ofício e das suas palavras*” (DOURADO, 1976, p. 9). Além de José de Alencar, Dourado cita as correspondências de Mário de Andrade como exemplo de construção de uma arte poética no Brasil; porém, em sua interpretação, Mário teria se dedicado muito pouco à análise das próprias obras e “*se gastado*” na função de preceptor, conselheiro e iniciador de jovens escritores (DOURADO, 1976, p. 10). De fato, ao nos debruçarmos sobre sua troca de textos com Fernando Sabino, por exemplo, notamos que seus escritos versam mais sobre as obras literárias do jovem aprendiz do que sobre seus próprios caminhos de criação. Não obstante, a relevância de sua correspondência como material dedicado à formação de escritores é enorme. *Pace* Autran Dourado, a dedicação do modernista aos seus aprendizes talvez ofereça mais e maiores subsídios para se pensar uma linhagem brasileira de trabalho com criação literária do que se ele tivesse publicado reflexões sobre o próprio processo criativo, justamente por tratar da iniciação do outro no mundo da escrita de literatura, com uma postura didática que em muitos pontos se assemelha à que hoje se verifica em coordenadores de oficina. A título de exemplo, vale observar alguns trechos de uma de suas cartas:

(...) De vez em quando você tem descaídas pueris de expressão linguística, embates desagradáveis de sílabas, cacófatos, essa coisa toda que os modernos afetam desprezar, mas é por ignorância. O bemfalar existe, e tanto mais um estilo de tamanha pureza e simplicidade como o que você conseguiu. (...)

Quanto ao assunto: mesmo caso da linguagem. Uma coisa que não é novidade (um elemento meio inexplicável dissolvendo uma família, não é a primeira vez que é tratado. Já li isso. Mas não tem a menor espécie de importância. O *seu entrecho é novo*, e isto é que importa), não é novidade como base, mas que você trata com verdadeira maestria de direção, de força de verdade, de tristeza impregnante, de mistério *realista* (um mistério legítimo, vital, e não o mistério pelo mistério) e de malestar. (...)

(...) Análise psicológica muito bem feita e intensa. Só uma descaída besta que você vai modificar imediatamente para não rompermos relações: a piada do moto-contínuo. Isso é tolice da grossa. A psicologia de quem está contando a novela é bastante abatida, bastante amarga para impedir essa piada. O lugar é, de-fato, estupendo para um estouro do herói, e o estouro existe, nós logo percebemos. Porém a frase que ele vai dizer ao farmacêutico jamais será uma piada “erudita”, nem com “sense of humour”. Isto, veja bem, até pode ter sucedido mesmo, na vida da vida, mas na vida da arte não tem realidade nenhuma. Substitua a frase do estouro por outra menos piada, mais bem escolhida e bem amarga. (...)

E publique já. Só tem um jeito: publicar imediatamente já, para você se libertar desse livro. (...) E não sei si tenho razão. Mas eu sinto que há qualquer coisa de dissolvente, de inútil, inútil não posso dizer, mas de hedonístico, de arte pela arte na sua novela, que não me entristece, mas me preocupa. Afinal das contas você tem 20 anos, você está adquirindo o seu instrumento de trabalho, você também vem “marcado” pelas leituras, e muito provavelmente por tradição, família, situação. (...)

(ANDRADE, 1982, p. 80-82)

Não é difícil perceber uma poética sendo aí construída: em sua crítica, Mário deixa claro o que pensa sobre a criação literária. É possível perceber sua opinião a respeito da construção das personagens, da condução do conflito, do cuidado com a linguagem e a atmosfera (ou *tom*, como diria Edgar Allan Poe⁹ (POE, 2011)) do texto. Há reflexões cuidadosas sobre verossimilhança, deixando bem marcada a diferença entre a *realidade do real* e a *realidade da literatura*. Além disso, há um cuidado generoso com os aspectos emocionais da criação, conselhos a respeito da postura do escritor diante da sua literatura e o momento de publicar.

Nota-se a preocupação tanto com aspectos materiais da novela quanto com a dimensão ética que se liga às questões estéticas em toda obra de arte. O impacto das leituras nos caminhos que um escritor escolhe seguir, sua relação com a tradição e também com o ambiente familiar e social em que está inserido não são assuntos esquecidos pelo mestre, que manifesta vontade de desenvolvê-los numa outra ocasião. Nota-se que o mentor não se abstém de apontar tanto as potencialidades quanto as fragilidades do texto que está analisando. Guardadas as devidas diferenças de informalidade e intimidade que distinguem uma carta entre amigos de uma orientação profissional, o que ele faz é, basicamente, uma versão individualizada do tipo de devolutiva que se espera de uma oficina de escrita. Sem o saber, Mário de Andrade desempenhava, já na década de 40, o papel de professor de criação literária, que no século seguinte entraria nas universidades.

Algumas décadas depois, um Autran Dourado comprometido com sua proposta de pensar a escrita de literatura no Brasil pela perspectiva do escritor apresenta, no capítulo inicial de “Uma poética de romance” (DOURADO, 1976), denominado não por acaso “Da necessidade de uma arte poética”, um manifesto em defesa daquilo que o autor enxergava como uma necessidade premente: que os escritores (sobretudo de prosa ficcional) produzissem material teórico ou reflexivo sobre seus processos de criação. Para ele, os romancistas brasileiros teriam aceitado passivamente a ideia de que não deveriam teorizar sobre o seu fazer literário, ideia esta que ele rejeita ao longo de todo o texto. Questiona, também, o papel da crítica literária frente ao percurso de formação de escritores: para ele, “*como mestres, julgadores e preceptores de romancistas e poetas é que não podemos aceitar sua [dos críticos] tutela*” (DOURADO, 1976, p. 11). Em sua visão, “*Os professores e críticos estão no seu papel, os romancistas é que fogem ao deles*” (DOURADO, 1976, p. 11). O autor considera que aquilo que seria realmente proveitoso para o desenvolvimento dos escritores, e de que a comunidade literária brasileira careceria, é “*uma auto-análise do fazer literário ficcional, para uso interno ou externo, não importa, que muito ajudaria não só os nossos analistas não-criadores como os próprios romancistas, novelistas e contistas*” (DOURADO, 1976, p. 11). Vê-se, portanto, que ao escrever “Uma poética de romance” Dourado demonstrava explicitamente estar interessado em produzir um texto que, ao refletir sobre o seu fazer literário e a arte poética envolvida em sua própria criação, resultasse num material útil também para fins didáticos. Tomar contato com tal sorte de reflexões seria, para ele, uma via de entrada para o processo de formação dos escritores, uma vez que “*as coisas mais importantes, para os criadores, sobre romance, foram ditas por romancistas, e as coisas mais importantes sobre poesia foram ditas por poetas*” (DOURADO, 1976, p. 13).

Ainda nos anos 70, em prefácio¹⁰ à obra que compila as notas do curso ministrado por Autran Dourado na PUC-RJ, sob o título “Matéria de carpintaria”, Affonso Romano de Sant’Anna também defende a aproximação entre escritores e a universidade. Em sua fala, expressa abertamente o desejo de “*vincular cada vez mais o estudo literário à criatividade*” (SANT’ANNA, 1975 *apud* DOURADO, 1976, p. 95) e observa que, enquanto nos Estados Unidos é possível verificar a presença constante e sistemática da figura do escritor visitante, no Brasil isso “*ainda é uma quimera*”. Sant’Anna comemora a possibilidade de publicação do material de Dourado como uma forma de ajudar a compreender a obra do autor e também “*problematizar as relações entre a teoria e a prática da literatura*” (SANT’ANNA, 1975 *apud* DOURADO, 1976, p. 96). Nota-se, no discurso entusiasmado do então diretor do Departamento de Letras e Artes da PUC-RJ, a atenção voltada para o descompasso entre o ensino de teoria literária que se pratica na cena acadêmica e a escrita de literatura. A configuração dos cursos de Letras como um espaço que não apenas deixava de incentivar como também acabava por coibir a produção literária é questionada, evocando-se a possibilidade de existência de cursos específicos voltados para a criação¹¹. A esse respeito, vale a pena ler na íntegra seu comentário:

(...) sempre me pareceu estranho que tanto o aluno de Letras quanto os professores sempre se sentissem estimulados a discutir a **teoria** sobre as obras alheias e incomodamente constrangidos a mostrar sua **prática** da literatura. Cheguei mesmo a sonhar que ao lado dos cursos de “teoria da literatura” existissem os de “prática da literatura”, onde aluno e professor construíssem textos e experimentassem (do lado de dentro) o fenômeno da criação. (SANT’ANNA apud DOURADO, 1976, p. 95, grifos do autor).

Na mesma e movimentada década de 1970, outro nome relevante para o debate sobre ensino de escrita nas universidades foi o de Samir Curi Meserani, professor da PUC-SP que se dedicou a pesquisar metodologias de ensino de produção textual. Embora tenha se debruçado, tanto no mestrado quanto no doutorado, sobre a redação escolar, sua trajetória como professor universitário demonstra grande interesse na inserção da escrita nas instituições de ensino superior. Nesse sentido, destacam-se três ações por ele realizadas: a criação da disciplina Comunicação e Expressão Verbal integrando o ciclo básico das graduações na PUC-SP¹²; a inclusão de uma redação como parte do processo seletivo da mesma universidade e a publicação de “*uma coleção de livros de contos, na qual o leitor pudesse ter notícias do processo de criação*” (JUNQUEIRA, 2017, p. 55). Sua proposta para a coleção¹³ era a seguinte: a cada volume, ofereceria a cinco escritores um estímulo qualquer, do qual todos deveriam partir para escreverem seus contos, individualmente, segundo o impacto pessoal que tal estímulo lhes causasse. Ao final, o leitor era convidado a escrever uma narrativa própria, a partir do mesmo elemento disparador. Cada livro lançava luz sobre um elemento narrativo: tempo, espaço, ação, personagem e ponto de vista da narrativa, enquanto o sexto e último era dedicado a gêneros textuais diversos. A provocação de escrita que balizava os contos de determinado número da coleção era escolhida de acordo com o ponto teórico a ser trabalhado e, no início das obras, Meserani formulava uma apresentação contendo explicações teóricas acerca de tal elemento narrativo. Os livros, então, funcionavam como uma espécie de oficina de escrita autodidata, dividida em três momentos: explanação teórica; estímulo/leitura (para estudo, formação de repertório e mobilização interna) e proposta de produção. Tem-se aqui, talvez, um precursor dos manuais de criação literária que ganhariam o Brasil após a virada do século.

Interessante é observar o comprometimento do professor em delinear uma teoria do ensino de escrita acompanhada por uma metodologia especificamente pensada para atender às particularidades do processo criativo e da dimensão literária da linguagem, numa abordagem que visava a ressaltar a complementaridade entre crítica e criação, tanto para jovens escolares quanto para universitários e também profissionais formados (por muitos anos, Meserani coordenou oficinas de criação a pedido de editoras como Abril, Ática e Globo, entre outras atuações). No final da década de 90, outro flerte entre a academia e a criação literária envolvendo Samir Meserani é digno de nota: em concurso para professor associado na PUC, uma das examinadoras da banca, Elza Miné, solicitou que o candidato escrevesse “a história de um concurso fantástico”, ao que este responde narrando a lenda de um contador de histórias que precisa inventar uma narrativa interessante para não ser devorado por “um dragão chamado Instituição Universitária”, o qual é descrito como “*um dragão voraz, pouco afeito a valorizar a imaginação criativa*” (MINÉ, 2003 apud JUNQUEIRA, 2017, p. 21). O escritor ainda complementa: “*o dragão Universidade tem aversão pelos criadores*” (idem). Tal postura crítica em relação ao sistema de ensino universitário e sua relação com a inventividade literária pautam suas pesquisas como professor e pesquisador daquela instituição, bem como as propostas para reformulação do ensino de língua portuguesa tanto no ciclo básico quanto dentro na academia.

A escrita literária e as universidades brasileiras

Como visto, a entrada do universo da escrita ficcional na universidade e a profissionalização do escritor foram tópicos discutidos desde o final do século XIX e, com mais vigor, a partir da segunda metade do século XX. Foi, porém, apenas no final dos anos 2000 que iniciativas mais robustas deram seus primeiros passos para a profissionalização do escritor no Brasil e somente na segunda metade da década de 2010 os cursos de criação literária começaram efetivamente a se espalhar, abrangendo mais cidades do país e sendo oferecidos por um número maior de instituições de ensino. Se até 2010 era possível mencionar pouquíssimos programas em atividade, concentrados entre São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, uma década depois nota-se uma presença mais sistemática da escrita de literatura no meio acadêmico, seja por meio de programas específicos, de cursos de extensão ou da inclusão de obras literárias como projeto de pesquisa.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo (RS), foi a primeira instituição brasileira a oferecer curso superior na área da escrita de literatura, em 2006: a graduação tecnológica em Formação de Escritores e Agentes Literários, coordenada por Fabrício Carpinejar. Com dois anos e meio de duração, o programa, apoiado pela Academia Brasileira de Letras e pela Câmara Rio-grandense do Livro, pretendia formar profissionais para atuar no mercado livreiro tanto como autores quanto para intermediar o contato entre autores e editoras. Para isso, incluía unidades curriculares específicas de Escrita Criativa e Agenciamento, mas também outras de caráter mais amplo, como Leitura de Mundo e Leitura da Tradição. O quadro docente foi formado por escritores consagrados da contemporaneidade e os alunos eram orientados por um professor ligado à universidade e um profissional ligado ao mercado¹⁴. A criação deste curso é um marco na história da formação de escritores no Brasil e atraiu muitos interessados. Quatro anos depois, porém, deixou de abrir inscrições para novas turmas devido à baixa na procura.

Em 2009, o Espaço Cultural Terracota, de São Paulo, firmou parceria com a Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL) para oferecer um curso de especialização em Prática de Criação Literária, a primeira pós-graduação *lato sensu* brasileira na área. Coordenado por Nelson de Oliveira e Cláudio Brites, o curso era composto por módulos de escrita oferecidos no próprio Espaço Terracota (cada módulo tratando de um gênero literário, entre eles conto, crônica, poesia, roteiro) e disciplinas gerais cursadas na UNICSUL (como Metodologia de Pesquisa e Didática do Ensino Superior). A linha metodológica do programa privilegiava a escrita e reescrita de textos dos participantes, num modelo de oficinas livres. A estrutura modular permitia o oferecimento de cada módulo como uma oficina avulsa, que poderia ser cursada por qualquer interessado. Os alunos que buscassem o diploma de pós-graduação deveriam cursar todas as oficinas do programa – ao longo de dois semestres – e complementar a grade com as disciplinas acadêmicas – por mais um semestre –, totalizando um ano e meio de formação¹⁵. Foi, talvez, o primeiro esforço de aproximação entre as oficinas livres de escrita (não vinculadas à academia) e o ensino superior. A iniciativa, porém, não teve vida longa, e a pós-graduação deixou de ser oferecida em 2013.

Já a primeira linha de pesquisa específica em Escrita Criativa do Brasil foi criada na PUC-RS, também em 2009. A instituição oferecia, desde 1985, oficinas livres de criação literária, ministradas por Luiz Antonio de Assis Brasil. A partir de 2006, passou a reservar algumas vagas de mestrado em Letras para projetos literários, dentro da área de concentração em Teoria da Literatura. Mas foi em 2009 que a Escrita Criativa se configurou como Linha de Pesquisa, dentro dessa mesma área de concentração e, em 2012, desvinculou-se da teoria literária, passando a ter área de concentração própria e a oferecer cursos de mestrado e doutorado (BRASIL et al, 2017 e AMABILE, 2020b). Desde 2015, existe ainda a graduação tecnológica em Escrita Criativa, na mesma faculdade (de dois anos e meio de duração), coordenada por Bernardo Bueno, doutor em Escrita Criativa e Crítica pela Universidade de East Anglia. Diferente da iniciativa do Espaço Terracota, que buscou externamente chancela

universitária para as práticas que ocorriam – e continuaram a ocorrer – fora da Academia, a Escrita Criativa na PUC-RS se configurou desde o início integrada ao curso de Letras da faculdade. Ainda no Rio Grande do Sul, o Centro Universitário FEEVALE empreendeu, em 2019, sua décima edição do curso de extensão denominado Desinibição Textual e Escrita Criativa e, em 2018, passou a oferecer pós-graduação lato sensu em Escrita Criativa – curso que, hoje, não consta do catálogo de especializações da instituição.

Em São Paulo, o Instituto Vera Cruz inaugurou, em 2010, seu curso de pós-graduação lato sensu em Formação de Escritores e, em 2016, criou a revista *Revera – Escritos de Criação Literária*, integrada ao programa, cuja linha editorial perpassa unicamente assuntos relacionados à produção escrita em literatura, publicando tanto artigos e ensaios inéditos quanto traduções pertinentes ao tema. Marcia Vescovi Fortunato e Roberto Taddei são responsáveis tanto pela coordenação da pós quanto pelo editorial da revista. Ambos os coordenadores advinham de experiências acadêmicas com o ensino da escrita: Taddei, egresso do mestrado em Escrita Criativa pela Universidade de Columbia; Fortunato, autora do estudo de doutorado intitulado “Autoria e Aprendizagem de Escrita” (FE-USP, 2009). Na mesma cidade, também a FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado) oferece, desde 2017 o curso de pós-graduação em Escrita Criativa, sob coordenação de Rodrigo Petrônio – que também acumula experiência de anos ministrando oficinas de criação literária em espaços culturais.

Ainda em 2010 a PUC-RJ passou a ofertar bacharelado em Formação de Escritor (três anos de duração), sob coordenação de Paulo Henriques Britto e Helena Franco Martins. Antes disso, desde 2004 a instituição oferecia habilitação em Produção Textual como opção do curso de bacharelado em Letras (PEREZ & BRASIL, 2018). Também a PUC-Campinas e a PUC-Minas oferecem, hoje, especialização em Escrita Criativa. Ainda na capital carioca, a Universidade Estácio de Sá oferece Pós-graduação em Produção Escrita Criativa e Leitura Crítica e o Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais (NESPE) tem Pós-graduação em Escrita Criativa, oferecida na modalidade on-line. O Espírito Santo também conta Pós-graduação EAD em Escrita Criativa e Produção Literária no Centro Universitário FAESA. Apesar do nome, a estrutura curricular do curso da FAESA não se assemelha aos demais cursos de escrita criativa: nenhum dos quatro eixos temáticos que compõem a matriz curricular dedica-se a práticas de criação literária. A grade de disciplinas parece ser voltada para o ensino de escrita e leitura, especialmente no ciclo básico (incluindo a produção de materiais didáticos), com possíveis aplicações também no mercado livreiro e publicitário.

A criação literária está presente no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), em Curitiba, que conta com uma linha de pesquisa em Escrita Criativa, apesar de oferecer apenas duas disciplinas específicas dentre as 22 ofertadas. Em 2018, o Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG), em Cascavel, ofereceu curso de Pós-Graduação em Escrita Criativa, mas descontinuou a oferta em seguida, sem que nenhuma turma fosse formada. Maringá abrigou a Escrita Criativa por meio de oficinas voltadas para o público jovem: o curso “Descobertas da escrita”, realizado no início de 2021 pela Coordenadoria de Promoção e Relações Públicas da Universidade Estadual de Maringá (UEM), foi oferecido para jovens a partir de 15 anos, com o objetivo de estimular a escrita de si e do outro a partir de atividades lúdicas. Ainda no Paraná, existiu por um breve período o curso de Pós-graduação em Produção Literária e Escrita Criativa, oferecido pela Faculdade e Instituto de Ensino Superior de Curitiba (FICPR), em modalidade EAD; este, no entanto, não consta mais do catálogo de cursos disponíveis da instituição. No Mato Grosso do Sul, a Faculdade Novoeste inaugurou em 2020 a pós-graduação em Escrita Criativa, Roteiro e Multiplataformas. Um ano antes, em 2019, a instituição havia oferecido um curso curto de extensão em Escrita Criativa. A pós-graduação da Novoeste, oferecida na modalidade on-line, contém tanto disciplinas de criação literária quanto de marketing, duas áreas que têm dividido o uso do termo “escrita criativa”.

Recife conta com duas pós-graduações em Escrita Criativa: uma oferecida pela FAFIRE (Faculdade Frassinetti do Recife), outra pela UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), aberta em 2019 em parceria com a PUC-RS. No cenário da escrita de literatura, além de ser uma das poucas cidades a oferecer mais de uma opção em cursos de especialização, Recife também se destaca pela importância histórica das oficinas literárias coordenadas pelos escritores Raimundo Carrero¹⁶ (em funcionamento há mais de trinta anos) e Sidney Rocha (dividida em 18 módulos e oferecida já há cerca de uma década). No Ceará, Socorro Acioli foi responsável por inaugurar a Pós-graduação em Escrita Literária no Centro Universitário Farias Brito, em 2018. Acioli coordenou o curso por dois anos naquela instituição e, em 2019, montou a Pós-graduação em Escrita e Criação da UNIFOR (Fundação Edson Queiroz - Universidade de Fortaleza), que passou a coordenar desde então. O curso oferecido pela Farias Brito formou três turmas mas, em 2021, parou de ser ofertado. Já na Paraíba, a entrada da criação literária no Ensino Superior encontrou portas abertas no Centro Integrado de Educação Unicorp, que no ano de 2018 estava desenvolvendo curso de especialização a ser lançado num futuro próximo (GERMANO, 2018). No início de 2019, a instituição chegou a realizar a aula inaugural do curso, que seria coordenado por Bruno Ribeiro, mestre em Escrita Criativa pela Universidade Tres de Febrero, na Argentina. O curso, no entanto, não formou turma e não foi mais oferecido até o momento.

Nas universidades públicas, destacam-se a Universidade de São Paulo e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2018, o Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa da USP inaugurou uma linha de pesquisa voltada para a produção literária, denominada *Laboratórios de criação – escrita de literatura e teoria*. No mesmo ano, ofereceu duas disciplinas práticas: “Oficina de escrita narrativa – o romance e outras formas de relato” e “Escrita de poesia – experimentalismo contemporâneo e mapeamentos teóricos”, ministradas por Mauricio Salles Vasconcelos e Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, respectivamente. A experiência anterior com laboratórios de criação na graduação, oferecidos como disciplina optativa por Vasconcelos no curso de Letras (desde 1996 na UFMG e a partir de 2011 na própria USP), precedeu e embasou a estruturação da nova linha de pesquisa em escrita – que, como o próprio nome aponta, pensa a criação tanto em termos literários quanto teóricos, sem dissociar a teoria da prática escrita.

Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a escrita de literatura está contemplada desde 2015, na linha de pesquisa *Estudos Literários Aplicados: Literatura, Ensino e Escrita Criativa*, que faz parte da área de concentração em Estudos de Literatura daquela instituição. Curioso é observar a abrangência da linha de pesquisa, que inclui questões de ensino-aprendizagem da literatura em ambiente escolar, produção de obras ficcionais próprias, estudos sobre processo criativo a partir da crítica genética, entre outras possibilidades. Também a UFRGS já contava com experiências anteriores em criação literária, encabeçadas pela professora Márcia Ivana. Influenciada pela experiência de pós-doutorado vivida em Montreal, a partir de meados dos anos 2000 a professora começou a oferecer duas disciplinas sobre o tema: “Teorias do processo de criação literária” (que, mais tarde, transformou-se em “Teorias do processo criativo”) e “Correspondência e vida literária”, ministradas sob o nome oficial de “Leituras dirigidas”. Ivana também passou a aceitar trabalhos literários como projeto de pesquisa, sendo o primeiro orientando Altair Martins, que venceu o Prêmio São Paulo de Literatura e o Prêmio Açorianos com o romance escrito em sua pesquisa de mestrado. Além da USP e da UFRGS, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) apresenta, no Programa de Pós-graduação em Letras (Área de Concentração em Estudos Literários), uma linha de pesquisa denominada *Criação Literária*, que encampa tanto projetos voltados para a criação de textos literários originais quanto para tradução, recriação e adaptação. Também a Universidade Federal da Bahia (UFBA) incluiu, em 2010, a Escrita Criativa como uma área de concentração

dos bacharelados interdisciplinares do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC), com uma estrutura curricular que contempla disciplinas de criação poética, narrativa e dramática.

Diversas outras faculdades, públicas e privadas, também têm mostrado flexibilidade para incluir em seus programas algumas iniciativas relacionadas à escrita literária. A PUC-SP, por exemplo, além de oferecer curso de extensão no tema, tem aceitado há alguns anos a escrita de livros literários como projeto de mestrado e doutorado. Vale lembrar a influência que Samir Curi Meserani exerceu sobre a faculdade de Letras da instituição, com suas teorias sobre ensino de produção textual. Em 2017, o programa de doutorado em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) aceitou, pela primeira vez, a escrita de um romance como projeto de doutorado em Letras. O trabalho foi contemplado com bolsa de estudos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), demonstrando um avanço na compreensão do fazer literário como possibilidade acadêmica. Importante ressaltar a presença anterior da criação literária nesta universidade, que desde 1981 oferece oficinas de escrita no curso de Letras e, portanto, teve algumas décadas de familiaridade com a área antes de aceitar um romance como projeto de pesquisa¹⁷. Na UFPE também já foram defendidos trabalhos literários na pós-graduação *strictu sensu* (PEREZ & BRASIL, 2018). Em 2020, a Universidade Estadual de Goiás, em parceria com a União Brasileira de Escritores de Goiás (UBE-GO), criou uma disciplina de Escrita Criativa como parte das atividades do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (Teccer). Outras instituições, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal de Viçosa (AMABILE, 2014), também oferecem cursos de extensão na área – o que pode ser interpretado como um passo inicial para a maior presença da escrita literária nessas instituições, se considerarmos a trajetória da maioria dos lugares em que isso já ocorreu. Tal movimento é explícito, por exemplo, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC): em 2019, o Núcleo Literatural ofereceu um laboratório de escrita para mulheres, da qual resultou uma publicação eletrônica, afirmando que tal iniciativa foi “*piloto de uma atividade que pretende investir também na criação literária no âmbito da Pós-graduação em Literatura a partir de projetos de extensão voltados para comunidade externa*”¹⁸. Antes disso, em 2016 a mesma instituição já havia oferecido curso de extensão voltado para a prática literária. Apesar do interesse manifesto, até o momento não foram divulgadas novas ações na área.

Considerações finais

O percurso da maioria das instituições pioneiras na estruturação de cursos de escrita tem origem em oficinas avulsas disponibilizadas como parte da grade curricular de cursos ligados às áreas de comunicação e literatura para chegar à estruturação de um programa próprio de criação literária. Essas primeiras experiências, que antecedem iniciativas mais robustas de cursos específicos, apontam para a necessidade de testar metodologias, formatos e abordagens, bem como para a importância de se formar um público discente e de derrubar alguns mitos que ainda cercam as atividades criadoras na literatura – mitos sobre o dom e a impossibilidade de ensino de técnicas ligadas ao fazer criativo ou sobre a pertinência de tal área de estudo em ambiente acadêmico, sobretudo nas universidades públicas. Tais aspectos apontam para um campo ainda em processo de consolidação, que, devido à sua criação e expansão recente, não encontrava respaldo no imaginário coletivo que lhe permitisse sustentar-se sem se valer de tais expedientes. Outras iniciativas, recentíssimas, configuraram-se já de outro modo, sem a necessidade de empreender grandes esforços para implantar cursos de criação literária, o que poderia denotar uma rápida e crescente aceitação da sociedade brasileira diante da ideia de profissionalização da atividade escritora. Não obstante, grande parte desses cursos recém-

surgidos é descontinuada em pouco tempo, e alguns deles sequer chegam a formar a primeira turma, demonstrando ainda haver certa fragilidade no campo da escrita literária dentre as carreiras acadêmicas. Em resumo, as últimas décadas contribuíram e muito para o avanço da área, mas a formação de escritores ainda batalha pela construção de uma base sólida tanto na academia e quanto no mercado de trabalho.

O percurso brasileiro é similar à trajetória identificada nos Estados Unidos, primeiro país a introduzir a escrita de literatura na academia, embora com grande diferença temporal: lá, também, os primeiros oferecimentos formais de programas de escrita surgiram após experiências com oficinas de curto prazo oferecidas em ambiente acadêmico e, ao longo das décadas, foram se popularizando e variando em formato. O cenário estadunidense se beneficiou de políticas bem-estruturadas de incentivo à escrita e valorização cultural, que abriram espaço para que a criação literária ocupasse uma posição de prestígio entre as carreiras artísticas, não deixando nada a desejar para a música ou as artes visuais, por exemplo – cursos que, no Brasil, se encontram muito mais organizados. Voltar os olhos para a história da criação da Escrita Criativa como uma disciplina e, em seguida, como área do conhecimento nos EUA pode dar uma ideia dos próximos passos a serem dados no desenvolvimento de tal campo no Brasil.

Interessante é observar que, embora a sistematização de práticas de ensino e a estruturação da criação literária como campo de estudo (com presença em instituições de Ensino Superior, linhas de pesquisa específicas e produção de materiais teóricos e práticos) tenha ocorrido nos EUA cerca de oitenta anos antes de atingir o mesmo estatuto no Brasil – e ainda hoje o nível de maturidade da disciplina seja notadamente díspar entre os dois países –, discussões incipientes acerca da possibilidade de profissionalização da escrita de literatura, da sua presença nas universidades e da existência de oficinas literárias surgiam timidamente em falas esparsas de escritores brasileiros (José de Alencar, em 1872, e Machado de Assis, em 1878) na mesma época em que ocorriam as primeiras aproximações entre a academia e a produção de literatura nos Estados Unidos (em Harvard, 1880). Nesta pesquisa, não foi detectado nenhum indicativo de que tenha havido intercâmbio de ideias entre os dois países; não obstante, a coincidência de datas não deixa de despertar interesse e suscitar curiosidade sobre os motivos que levaram cada país a um caminho diferente ao endereçar a questão.

A hipótese analítica da pesquisadora brasileira Leila Pinheiro Xavier para o *atraso significativo* (XAVIER, 2014, p. 160) do Brasil frente à formação de escritores relaciona-o à falta de políticas públicas voltadas para o incentivo da criação literária, negligenciando a literatura como objeto de empoderamento discursivo nacional. Seja como for, no atual momento histórico o espaço de discussão em torno das oficinas literárias no ensino superior cresce com vigor no Brasil – basta ver, por exemplo, a quantidade de cursos e linhas de pesquisa abertas por volta de 2018, ou o número de publicações dedicadas ao tema nos últimos cinco anos, em comparação com as décadas anteriores¹⁹. Nota-se o avanço no debate não apenas por critérios quantitativos, como também qualitativos: se as primeiras publicações relacionadas à escrita de literatura no país tratavam principalmente da problemática “É possível ensinar a escrever literatura?”²⁰ (pergunta considerada *perene* no campo da escrita literária por Jordan-Baker (2015)), em poucos anos outras questões são incorporadas aos estudos sobre o tema, como a própria conceituação do termo “escrita criativa” (AMABILE, 2020), ou os limites do seu pertencimento às áreas de teoria e crítica literária (POSTAY, 2018). A discussão adensa-se, pois, acrescentando novos níveis de complexidade às possibilidades de ensino da criação literária.

Vale lembrar também que, embora os EUA sejam apontados como um modelo a ser seguido e apresentem-se hoje, reconhecidamente, como o país mais desenvolvido nos estudos de criação literária, mesmo em solo estadunidense ainda se colocam questões sobre a validade das oficinas literárias, como é possível apreender da leitura de “Um minimanifesto” [A *mini-manifesto*], do escritor e professor de escrita George Saunders (2014), em que o autor rebate

críticas endereçadas à própria existência das oficinas literárias, frequentemente questionando os reais benefícios para os aspirantes a escritores que as frequentam, ou das conclusões da pesquisadora Diane Donnelly (2012), que coloca a escrita criativa como uma disciplina vista como *desautorizada* e critica a falta de conhecimento histórico acerca das problemáticas intelectuais que forjam suas bases teóricas e práticas e o excesso de importância dada simplesmente à tradição dos *workshops*, argumentando em favor de um “*avanço dos estudos de escrita criativa*”. Donnelly reúne citações de inúmeros pensadores da escrita criativa comentando sobre a dificuldade de ela estabelecer-se de maneira independente, situando-se lado a lado com os estudos literários e linguísticos como uma disciplina separada, porém de igual importância. Tais exemplos mostram que, mesmo no país responsável por estruturar o campo de estudo sobre ensino de criação literária, debates muito próprios de um estágio ainda iniciante de consolidação e independência de tal campo não foram ainda abandonados por completo. A escrita de literatura luta, ainda, não apenas no Brasil como também ao redor do globo, por sedimentar-se e assegurar sua total legitimidade, com bases históricas, filosóficas e pedagógicas próprias.

A permanência de certa desconfiança em relação à pedagogia envolvida no ensino de criação literária, porém, não é empecilho para que aspectos mais relevantes sejam igualmente discutidos, sobretudo quando se trata da produção de conhecimento científico. De fato, tal como denunciado por Jordan-Baker (2015), a ansia por legitimação pode até ser prejudicial ao próprio desenvolvimento do campo, uma vez que o desejo por autonomia influencia a forma como se conduzem as pesquisas na área e pode acabar por fazer com que concessões filosóficas sejam realizadas em benefício do status de independência. É notória, por exemplo, a preferência por estudos de cunho histórico e pedagógico¹, detalhada nas pesquisas de Donnelly (2014), em detrimento de ensaios mais analíticos – e críticos – da escrita criativa enquanto área de concentração. Mas, desde que não ocupe o centro das preocupações acadêmicas na produção e na circulação de conhecimentos pertinentes ao ensino de escrita literária, a questão não superada sobre a possibilidade de ensino-aprendizagem da escrita em nada impede o surgimento de estudos com preocupações epistemológicas acerca da criação em literatura, nem do diálogo profícuo entre os diferentes saberes que se entrecruzam na investigação do fazer literário.

Se, por um lado, a aura de novidade que ainda ronda o tópico pode parecer frustrante para aqueles que se dedicam aos estudos voltados para os laboratórios de criação em ambiente universitário – como colocam Perez e Brasil (2018), por outro lado pode-se considerar essa ainda *tímida* (*ibid.*) presença de tal objeto de estudo em pesquisas acadêmicas uma oportunidade para “*fazer parte da formulação de conceitos e da produção de conhecimentos fundamentais para futuros estudantes e professores*” (POSTAY, 2018, p. 75). Certo é que os estudos sobre escrita literária não podem girar em torno de certo historicismo por tempo indeterminado; no entanto, sendo o processo de desenvolvimento da área no país ainda insuficientemente mapeado no Brasil, por enquanto as investigações que se dedicam a traçar os caminhos trilhados por seus precursores mantêm sua importância. Compreender historicamente o percurso que trouxe a escrita de literatura em instituições de ensino superior até o ponto em que hoje se encontra é essencial tanto para diminuir tal *frustração* experimentada por Perez e Brasil (2018) quanto para sedimentar as bases sobre as quais a construir uma rede de saberes consistente, profunda, dinâmica e plural.

¹ Apreende-se da leitura da obra que a autora entende por *pedagógicos* os estudos voltados para as práticas docentes nas oficinas de escrita.

TEACHING LITERARY WRITING AT UNIVERSITIES: THE BRAZILIAN ROUTE

ABSTRACT: This paper brings back the central arguments of some protagonists of the inclusion of literary laboratories at Brazilian universities, analyzing its theoretical basis and echoes found on the historical routes of other countries in which Creative Writing is already a respected knowledge field. This article aims to contribute to organize the historical debate concerning Creative Writing Programs in Brazil. It demonstrates how is it possible to track attempts to include literary creation in the Brazilian universities back to the end of the 19th century.

Keywords: Literary creation. Creative writing. Writer's workshop. Literary teaching. History of literature.

Notas

¹ Embora não haja consenso sobre a melhor forma de referir-se à disciplina voltada para a produção de textos literários, neste artigo está se considerando como sinônimos os termos “escrita literária”, “escrita criativa”, “criação literária”, “escrita de literatura”, “produção literária”, entre outros de teor semelhante. Optou-se por utilizar o termo “escrita criativa” nos contextos internacionais, sobretudo anglófonos, em que se adota quase exclusivamente a designação *creative writing* para referir-se a esta área de estudos, e outros termos correlatos a “criação literária” no contexto brasileiro, como forma de marcar a distinção entre a escrita de literatura e outros usos criativos da linguagem escrita, como no campo da publicidade, em que o termo “escrita criativa” também circula. Já as referências a cursos e programas específicos respeitaram a nomenclatura dada por cada instituição.

² Serão utilizados com mesmo valor semântico os termos “oficina literária”, “laboratório de escrita”, “oficina de literatura”, “laboratório literário” e suas variações.

³ Dados informados pela própria universidade em <<https://www.writinguniversity.org/content/writing-iowa>>. Acesso em 04/07/2018.

⁴ Dados informados pela própria universidade em <<https://www.uea.ac.uk/literature/creative-writing>>. Acesso em 04/07/2018.

⁵ Dados informados pelo site da EACWP em <<https://eacwp.org/members/>>. Acesso: 13/09/2021.

⁶ A oficina de escrita inaugurada em 1975 na PUC-RJ foi orientada por Silviano Santiago em parceria com Affonso Romano de Sant'Anna.

⁷ Dados informados pela própria universidade em <<http://www.letras.ufrj.br/olacdigital/>>. Acesso em 20/04/2019.

⁸ O primeiro curso de Letras do Brasil teve lugar na Universidade de São Paulo e foi criado juntamente com a própria Universidade pelo Decreto 6.283, de 25 de janeiro de 1934. O art. 9º determinava que o programa seria composto pelas seguintes cadeiras fundamentais: 1) Lingüística; 2) Filologia Comparada; 3) Filologia Portuguesa; 4) Literatura Luso-Brasileira; 5) Língua e Literatura Grega; 6) Língua e Literatura Latina; 7) Língua e Literatura Francesa; 8) Língua e Literatura Inglesa; 9) Língua e Literatura Alemã; 10) Técnica e Crítica Literária.

⁹ No ensaio “Filosofia da composição”, em que Poe reflete sobre seu processo de criação a partir do icônico *O corvo*, o poeta inglês comenta que, após definir o efeito que quer causar no leitor, busca a melhor combinação entre o tom e os acontecimentos para causar tal efeito (POE, 2011).

¹⁰ Extraído dos CADERNOS DA PUC-RJ, *Série Letras e Artes*, 09/75.

¹¹ Tais assuntos já haviam sido abordados anteriormente por Sant'Anna em comunicação apresentada no I Encontro Nacional de Professores de Literatura, intitulada “Por um novo conceito de literatura (brasileira)”, na qual se dedica a refletir sobre a inclusão da prática literária no Ensino Superior.

¹² Ao lado de Antropologia, Psicologia, Problemas Filosóficos e Teológicos do Homem Contemporâneo e Metodologia Científica (JUNQUEIRA, 2017, p. 16). Junqueira sublinha o caráter pioneiro da disciplina no oferecimento de redação criativa em universidades brasileiras.

¹³ Coleção “Quem conta um conto”, publicada pela Atual Editora em 1989.

¹⁴ De acordo com matéria publicada no portal Publishnews em 18/05/2006. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/materias/2006/05/18/21723-unisinos-cria-curso-superior-para-escretores>>. Acesso em 16/09/2021.

¹⁵ Exceto quando explicitamente reportadas a um livro ou artigo, as informações sobre os cursos brasileiros de criação literária apresentadas foram extraídas dos sites das instituições que os ofereceram. A lista completa de referências consultadas encontra-se no final deste artigo, no item “Programas de curso / Ementas”.

¹⁶ Carrero é, também, um dos primeiros escritores brasileiros a publicar manuais de criação literária.

¹⁷ Além disso, destaca-se a defesa anterior de pesquisa de mestrado sobre oficinas literárias, realizada pelo mesmo aluno que hoje desenvolve a escrita de romance autoral na UFES. Ver Siqueira, 2016.

¹⁸ Informações extraídas do site da universidade: <<https://literatual.cce.ufsc.br/2019/09/>>. Acesso em 13/03/2021.

¹⁹ A esse respeito, ver Rodrigues (2020) e Abed (2021).

²⁰ Veja-se, por exemplo, Brasil (2015a) e Brasil (2015b).

REFERÊNCIAS

- ABED, Carolina Z. Presença da Escrita Criativa no Brasil. *Revera – Escritos de Criação Literária*, v. 6, 2021 [no prelo].
- AMABILE, Luís Roberto. O fantasma, o elefante e o sótão: apontamentos sobre a escrita criativa na academia. *Cenários*, v. 1, n. 9, p. 53-61, 2014.
- AMABILE, Luís Roberto. Do que estamos falando quando falamos de escrita criativa. *Criação & Crítica*, n. 28, p. 132-149, dez 2020.
- AMABILE, Luis Roberto. Escrita criativa: a aventura começa. In: AMABILE, Luís Roberto; LINARDI, Fred & RICHINITTI, Gabriela (orgs.). *Como tudo começou: a história e 35 histórias dos 35 anos da Oficina de Criação Literária da PUCRS*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020b.
- ALENCAR, José de. *Sonhos d'ouro*. Rio de Janeiro : B. L. Garnier, 1872.
- ANDRADE, Mário. *Cartas a um jovem escritor: de Mário de Andrade a Fernando Sabino*. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. III, 1994.
- BARBOSA, Amilcar B. *Da leitura à escrita: a construção de um texto, a formação de um escritor*. 2012. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/Université Sorbonne Nouvelle, Porto Alegre/Paris, 2012.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. A escrita criativa e a universidade. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. s105-s109, dez. 2015a.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis. Escrita criativa – e reflexiva, *ma non troppo*. *Scriptorium*, v. 1, n. 1 jul-dez/2015b, p. 1-5.
- BRASIL, Luiz Antonio de Assis et. al. Percepções e perspectivas discentes nos cursos de pós-graduação em Escrita Criativa da PUCRS. *Navegações*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 149-155, 2017.
- COUTINHO, Eduardo. A contribuição de Afrânio Coutinho para os estudos literários no Brasil. In: FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de, et. al. (orgs.) *Crítica e Literatura*. Rio de Janeiro: De Letras, 2011, p. 185-196.
- DAWSON, Paul. *Creative writing and the new humanities*. Abingdon: Routledge, 2004.
- DONNELLY, Diane J. *Establishing creative writing as an academic discipline*. Bristol: Multilingual Matters, 2012.
- DOURADO, Autran. *Uma poética de romance: matéria de carpintaria*. Rio de Janeiro: Difel, 1976.

EUROPEAN ASSOCIATION OF CREATIVE WRITING PROGRAMMES. *Institutional members*. Disponível em: <https://eacwp.org/members/>. Acesso em: 13 set. 2021.

FORTUNATO, Márcia V. *Autoria e aprendizagem da escrita*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de pós-graduação em Educação - Área de concentração: linguagem e educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GERMANO, Tiago. Breve panorama da escrita criativa no nordeste. In: TENÓRIO, Patricia Gonçalves (org.). *Sobre a escrita criativa II*. Recife: Raio de Sol, 2018. p. 334-355.

GOMEZ, Dimas. *Oficineiros e suas oficinas: proseando pela Paulicéia*. Amazon Digital Services: 2015.

JORDAN-BAKER, Craig. The philosophy of creative writing. *New Writing*, v. 12, n. 2, p. 238-248, jul./dez. 2015.

JUNQUEIRA, Maria Aparecida. *Samir Curi Meserani*. Coleção Sapientia – Grandes Mestres da PUC-SP. São Paulo: EDUC, 2017.

MACVEAN, Kendall Elizabeth. *Expansion and inclusion of creative writing: a course for academic writers*. Monografia (Bachelor of Arts) – Appalachian State University. Orientadora: Elizabeth Carroll. Carolina do Norte, 2016.

MANCELOS, João de. Uma nova abordagem interdisciplinar: da escrita criativa aos estudos crítico-criativos. *Carnets: Revista Eletrônica De Estudos Franceses*, p. 257-265, Outono/Inverno 2009.

MANCELOS, João de. Um pórtico para a Escrita Criativa. *Pontes & Vírgulas: Revista municipal de cultura*. Ano 2, n. 5, p. 14-15, primavera de 2007.

MCGURL, Mark. *The program era: postwar fiction and the rise of creative writing*. Cambridge (Massachusetts) e Londres: Harvard University, 2009.

MESERANI, Samir Curi. *Quem conta um conto* (v. 1-6). São Paulo: Atual, 1989.

MEYERS, David Gershom. *The elephants teach: creative writing since 1880*. Chicago: University of Chicago, 1996

MINÉ, Elza (2003). *Criatividade: Homenagem ao Prof. Samir Curi Meserani*. Videoteca PUC-SP. PUC 1554: Parte I e II (gravação realizada em 25/08/1999).

PEREZ, Marcelo Spalding & ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. A escrita criativa nos cursos de Pós-Graduação. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n. 2, p. 207-220, maio/ago. 2018.

POE, Edgar Allan. *A filosofia da composição*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

PUBLISHNEWS. *Unisinos* cria curso superior para escritores. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2006/05/18/21723-unisinos-cria-curso-superior-para-escritores>. Acesso em: 16 set. 2021.

POSTAY, Andrezza. Por que estudar escrita criativa. In: TENÓRIO, Patricia Gonçalves (org.). *Sobre a escrita criativa II*. Recife: Raio de Sol, 2018, p. 69-77.

RODRIGUES, Flávio Luis Freire. Os recentes manuais de escrita criativa publicados no Brasil entre 2005 e 2019. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 661-679, set./dez. 2020.

SAUNDERS, G. A Mini-Manifesto. In: HARBACH, C. (Ed.). *MFA vs NYC: the Two Cultures of American Fiction*. New York: Faber and Faber, 2014. p. 31-38.

SIQUEIRA, Yan P. B. *Oficina literária de escrita criativa*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Orientador: Paulo Roberto Sodré. Vitória, 2016.

XAVIER, Leila Pinheiro. Formação para a escrita literária no ensino superior brasileiro. In: *Seminário Interlinhas, 2014.1 (14 e 15 de agosto de 2014, Alagoinhas, BA) / Anais*: Org. Gislene Alves da Silva, Luane Tamires dos Santos Martins e Sheila Rodrigues dos Santos; Universidade do Estado da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Alagoinhas: Fábrica de Letras, 2014. p. 153-162.

Programas de curso/ ementas

Centro Universitário Campos de Andrade, PPG em Teoria Literária. Disponível em: <https://mestrado-e-doutorado.uniandrade.br/disciplinas/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Centro Universitário Farias Brito. Disponível em: <https://fbuni.edu.br/posgraduacao/web/curso/especializacao/escrita-literaria/127>. Acesso em 13 mar. 2021.

Centro Universitário FAESA. Disponível em: <https://ead.faesa.br/cursos-pos-graduacao/escrita-criativa-e-producao-literaria-ead>. Acesso em 08 set. 2021.

Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Disponível em: <https://www.fag.edu.br/noticia/14219>. Acesso em 13 mar. 2021.

East Anglia University, Creative Writing Program. Disponível em: <https://www.uea.ac.uk/literature/creative-writing>. Acesso em 04 jul. 2018.

Espaço Cultural Terracota. Disponível em: <http://terracotaeditora.com.br/pcl/>. Acesso em 04 jul. 2018.

Faculdade e Instituto de Ensino Superior de Curitiba. Disponível em: <https://www.ead.com.br/faculdades/ficpr-itec-pr/cursos/producao-literaria-e-escrita-criativa/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Faculdade Frassinetti do Recife. Disponível em: https://www.fafire.br/diretorio/POS_2020_ESCRITA_CRIATIVA.pdf. Acesso em 13 mar. 2021.

Faculdade NOVOESTE. Disponível em: <https://posgraduacaoead.novoeste.com.br/escrita-criativa-roteiro-e-multiplataformas>. Acesso em 08 set. 2021.

Faculdade NOVOESTE. Disponível em: <http://novoeste.com.br/extensao/curso-de-escrita-criativa-25>. Acesso em 08 set. 2021.

FEEVALE. Disponível em: <https://pos.feevale.br/cursos/>. Acesso em 13 mar. 2021.

FEEVALE. Disponível em: <https://www.feevale.br/cursos-e-eventos/desinibicao-textual-e-escrita-criativa-10-edicao>. Acesso em 13 mar. 2021.

FEEVALE. Disponível em: <https://www.feevale.br/acontece/noticias/feevale-lanca-especializacao-em-escrita-criativa>. Acesso em 13 mar. 2021.

Fundação Edson Queiroz - Universidade de Fortaleza. Disponível em: <https://www.unifor.br/web/pos-graduacao/escrita-e-criacao>. Acesso em 13 mar. 2021.

Núcleo de Estratégias e Políticas Editoriais. Disponível em: <https://www.nespe.com.br/pos-escrita-criativa/> Acesso em 13 mar. 2021.

PUC-Campinas, Coordenadoria de Cursos de Extensão –. Disponível em: <https://cce.puc-rio.br/sitecce/website/website.dll/folder?nCurso=formacao-do-escriptor&nInst=cce>. Acesso em 13 mar. 2021.

PUC-Minas. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/pos-graduacao/especializacao-em-escrita-criativa/>. Acesso em 13 mar. 2021.

PUC-RJ, Departamento de Letras. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/br/texto/29/formacao-de-escretores>. Acesso em 04 jul. 2018.

PUC-RS, Escola de Humanidades. Disponível em: <https://www.pucrs.br/humanidades/curso/escrita-criativa/>. Acesso em 08 set. 2021.

PUC-RS, Escola de Humanidades. Disponível em: <https://www.pucrs.br/humanidades/programa-de-pos-graduacao-em-letras/>. Acesso em 08 set. 2021.

PUC-SP, Núcleo de Educação Continuada. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/especializacao-e-mba/criacao-literaria>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Católica de Pernambuco. Disponível em: <https://portal.unicap.br/w/escrita-criativa>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Estadual de Goiás, PPG Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. Disponível em:

http://www.teccer.unucseh.ueg.br/noticia/55236_curso_de_escrita_criativa_disponivel_no_youtube. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade de Brasília, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Disponível em: <http://www.lip.unb.br/noticias/25-escrita>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade de Campinas, Escola de Extensão. Disponível em: <http://www.extecamp.unicamp.br/estudos-da-linguagem/?=>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras. Disponível em: <https://apps.uc.pt/courses/PT/course/9202>. Acesso em 08 set. 2021.

Universidade de São Paulo, PPG em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://estudoscomparados.fflch.usp.br/linhas-de-pesquisa-do-programa>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Estácio de Sá. Disponível em: <https://estacio.br/cursos/pos-graduacao/producao-escrita-criativa-e-leitura-critica>. Acesso em 08 set. 2021.

Universidade Estadual de Maringá, Coordenadoria de Promoção e Relações Públicas. Disponível em: <http://www.cpr.uem.br/index.php/menu-eventos-e-cursos-on-line/todas-as-atividades/3662-descobertas-da-escrita>. Acesso em 16 set. 2021.

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Disponível em: <https://ihac.ufba.br/course/escrita-criativa/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Disponível em: https://www.ihac.ufba.br/download/ensino/graduacao/bacharelados_interdisciplinares/projetos_pedagogicos_das_ac/projeto-pedagogico-ac-escrita-criativa.pdf. Acesso em 23 set. 2021.

Universidade Federal de Juiz de Fora, PPG em Letras: Estudos Literários. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ppgletras/sobre-o-programa/disciplinas/doutorado-a-partir-de-2020/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal de Santa Catarina, Núcleo Literatural. Disponível em: <https://literatual.cce.ufsc.br/2019/09>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal de Santa Catarina. <https://noticias.ufsc.br/tags/escrita-criativa/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal de São Paulo. Disponível em: <https://www.unifesp.br/eventos-antigos/item/3998-oficina-de-escrita-criativa-prosa>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.prae.ufpr.br/prae/noticias/nova-edicao-do-curso-de-leitura-e-escrita-criativa-na-ufpr-sera-aos-sabados/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PPG em Letras. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgletras/linhas/>. Acesso em 13 mar. 2021.

Universidade Lusófona, Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação. Disponível em: <https://www.ulusofona.pt/pos-graduacoes/escrita-de-ficcao>. Acesso em 08 set. 2021.

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: https://www.fcsh.unl.pt/cursos/pos_graduacao_em_artes_da_escrita/. Acesso em 08 set. 2021.

University of Iowa, The Writing University. Disponível em: <https://www.writinguniversity.org/content/writing-iowa>. Acesso em 04 jul. 2018.

Data de submissão: 26/09/2021

Data de aceite: 30/11/2021